

Percebemos em nosso mundo a tentativa de se construir uma sociedade sem Deus. E o resultado, como estamos vendo, é a desumanização da própria sociedade. Na verdade, como falar em Justiça quando não se leva em conta o projeto de Deus? A conversão nos coloca na perspectiva deste projeto.

Outra característica de nossa época é o individualismo. Há os que chegam a canonizar a expressão: "Cada um por si e Deus por todos". Ora, rezar e sacrificar-se pelos outros, particularmente pelos pecadores e necessitados, é tomar renovada consciência que somos filhos do mesmo Pai. Não podemos, assim, ignorar a situação dos irmãos que vivem e sofrem ao nosso lado, tanto no que se refere à sua situação humana ("Tive fome... tive sede... fui peregrino..." — Mt 25,35ss), quanto ao seu destino eterno ("Que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro mas arruinar a sua vida?" — Mt 16,26).

Já a "consagração a Cristo pelas mãos de Maria" (João Paulo II, RM, 48), meio eficaz para vivermos fielmente os compromissos batismais (cf. id.), realça a missão materna de Maria Santíssima. Ela é a Mãe que hoje continua cumprindo sua missão, já realçada em Caná, da Galiléia: apresenta a seu Filho nossas necessidades e apresenta-nos a seu Filho, enquanto nos adverte: "Fazei tudo o que Ele vos disser" (Jo 2,5).

Abertura ao Evangelho

O Magistério da Igreja, a quem cabe pronunciar-se sobre a autenticidade de uma aparição, quando colocado diante de fenômenos sérios e necessitados de uma palavra sua (os videntes são pessoas equilibradas, as mensagens estão de acordo com a Revelação, os frutos são bons, etc.), procede aos estudos necessários. O pronunciamento final, contudo, é sempre demorado. A paciência, nesse campo, é fundamental.

Além de não procurar antecipar-se ao posicionamento da Igreja, o cristão sabe evitar a busca doentia do maravilhoso. Assim, se de um lado não põe limites à ação de Deus ("A Deus nada é impossível" — Lc 1,37), de outro, não corre atrás de qualquer sinal extraordinário, já que tal atitude, longe de levar à conversão do coração, facilmente leva à superficialidade e ao descompromisso.

O discípulo de Jesus de Nazaré procura, sim, estar aberto ao Evangelho, atento a seus apelos de conversão, de oração (É preciso "orar sempre, sem jamais esmorecer" — Lc 18,1), de amor à cruz ("Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim" — Mt 10,38), de amor ao próximo ("Amavos uns aos outros como eu vos amei" — Jo 15,12), de confiança ("Não andeis preocupados... buscai, em primeiro lugar, o Reino e sua justiça" — Mt 6,31 e 33), etc. No mais, guia-se pela orientação do apóstolo Paulo: "Examinai tudo e ficai com o que é bom" (1Ts 5,21).

Um grande sinal

"Por que será", muitos se perguntam, "que as aparições marianas são as mais freqüentes e célebres?"

Maria Santíssima é aquela que "na santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós" (LG, 54). "Reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor" (LG 53), foi proclamada, pelo Papa Paulo VI, "Mãe da Igreja" (21.11.64).

O livro do Apocalipse nos fala que "apareceu no céu um grande sinal: uma mulher revestida do sol, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas... A mulher deu à luz um filho varão, que há de apascentar todas as nações com o cetro de ferro" (Ap 12,1 e 5). Todo o capítulo doze deste livro refere-se a São (cf. Is 54; 60; Os 2,21-25), isto é, à Igreja.

Mas, segundo numerosos Padres e uma longa tradição litúrgica, refere-se também a Maria Santíssima, destacando o sinal que ela é chamada a ser para o seu povo. Assim, suas aparições fariam parte de sua missão, mesmo porque o Dragão continua fazendo guerra ao resto de sua descendência (cf. Ap 12, 17), e esta a invoca continuamente: *Ave, Maria, cheia de graça... rogai por nós, pecadores...*

Notas

- (1) *Aparição*: é uma manifestação visível de um ser cuja visão, naquele lugar e momento, é incomum e inexplicável em situações normais; é uma manifestação sensível do sobrenatural.
- (2) Há os que reduzem as aparições a um conhecimento subjetivo. Na verdade, Jesus Cristo, Nossa Senhora, os anjos, etc., estão na eternidade de forma glorificada, não-sujeitos às nossas limitações; nós, contudo, estamos limitados pelo tempo, espaço, etc. Mas excepcionalmente, e por vontade de Deus, eles podem se comunicar conosco através de algum sinal que, embora seja sempre misterioso, pode ser por nós captado. Abraão percebeu Deus nos três visitantes (cf. Gn 18, 1ss); Elias o reconheceu na leve brisa (1Re 19,13); já Estêvão "olhou para o céu e viu a glória de Deus e Jesus de pé à direita de Deus" (At 7,55). Nossa Senhora tem sido vista com estatura, roupa e mesmo idade diferentes, conformando-se, pedagogicamente, aos videntes (cf. Laurentin, pp. 126-127).
- (3) A teologia clássica distingue entre *Revelação pública*, que terminou com a morte do último apóstolo, e *revelações particulares*. Laurentin prefere distinguir entre *Revelações fundadoras* e *revelações particulares* (cf. p. 129).

Bibliografia

- ALBERTON, V. "Verdadeiras e Falsas Aparições na Igreja", em *REB* 138 (1975), pp. 423-428.
- DE FIORES, S., "Veggente", verbete do *Novo Dicionário di Spiritualità*, Edizioni Paoline, Milano, 1985.
- GALOT, J., "As aparições particulares na vida da Igreja", em *Cultura e Fé* 31(1985), pp. 13-29.
- GIENS, J., "Apparizioni", verbete do *Piccolo Dizionario Mariano*, Edizioni Monfortane, Roma, 1981.
- LAURENTIN, R., "Apparizioni", verbete do *Nuovo Dizionario di Martirologia*, Edizioni Paoline, Milano, 1985.
- LOCHET, L., "Teologia das Aparições Marianas", em *Espírito e Vida* 1(1987), pp. 23-63, Braga — Portugal.
- VOLKEN, L., "A Revelação e as Revelações", em *Espírito e Vida* 4(1987), pp. 27-50, Braga — Portugal.

Endereço do Autor:
Rua Esteves Júnior, 105
88010 — Florianópolis — SC

MARIA: FEMININO E MATERNIDADE COMO SAÍDA PARA O RACIONALISMO FECHADO E EGOÍSTA DO MUNDO DE HOJE

Diác. David Bruno Goedert — 4º ano

Introdução

Este estudo tem por objetivo analisar, a partir do feminino, o papel de Maria enquanto protótipo e arquétipo para uma antropologia humanocêntrica. É, pois, uma tentativa de resgatar para

o feminino sua função de "gerador da vida", na ótica e na perspectiva da mariologia.

Resgatar a dignidade do feminino a partir de Maria é, antes de tudo, reconhecer que Deus assumiu a plenitude da condição humana no seio de uma mulher. Em Maria e por Maria Deus supera o machismo elevando a mulher à condição divina, manifestando assim sua própria dimensão feminina.

Urge, pois, superar toda imagem de Maria que tenha por base uma tipologia androcêntrica, visto sua crucial contradição. Não podemos ignorar o fato de que o nexo entre feminilidade e subordinação faz dessa mariologia um instrumento ideológico, tornando-a suspeita e absurda. Recorrer ao simbolismo, nesta perspectiva, também não permite a superação do problema, visto principalmente a convergência androcêntrica da Escritura e da Tradição.

Superar a condição de dominação-dependência da mulher a partir de Maria, requer uma releitura da Escritura e da Tradição, que leve em consideração o fato de que "não há mais lugar para homem ou mulher, mas que todos são um em Cristo" (Gal 3, 28). O desafio requer, ainda, a superação da concepção patriarcal unilateral, da qual estão impregnadas tanto a Escritura quanto a Tradição cristã. Vale dizer que esta superação passa pela mediação de uma mariologia voltada sobre a realidade do Magnificat, expressão última da gestação da vida profética, tanto em Maria quanto em Isabel, sua parenta.

Ora, resgatar o verdadeiro significado de Maria para a Igreja, torna-se imperativo de consciência, visto seu papel de levar a humanidade à verdadeira libertação em Cristo. Maria, enquanto princípio de identificação, torna-se para a mulher o caminho pelo qual o feminino pode chegar à sua plena realização. Enquanto protótipo de acolhida livre do plano redentor de Deus, Maria gera a nova humanidade, pois é o espaço primordial de encarnação no qual a humanidade e Deus se reencontram e se reconciliam em Jesus.

1. A MULHER E A FEMINILIDADE

Para impostar nosso discurso faz-se necessário antes de mais nada que distingamos entre mulher e feminilidade. O próprio termo indica uma polaridade do princípio básico de individuação: todo ser humano é homem ou mulher. Já o conceito de feminilidade não é tão simples assim. Muito se tem discutido a respeito daquilo que é especificamente feminino. Vejamos as mais significativas concepções:

1. A corrente naturalista reduziu a concepção feminina à sua natureza biológica. Concretamente isto significa que a feminilidade limita-se à maternidade, ao ambiente doméstico, à emotividade, à falta de raciocínio lógico, etc. Conseqüentemente, o raciocínio, o pensamento sistemático, a autodeterminação, seriam características da natureza do ser macho. Desta lógica decorreu a chamada secundariedade, ou o segundo sexo.

2. Contra esta corrente naturalista, e como conseqüência de uma nova postura da mulher diante do trabalho e da política, há uma profunda reação que determinará, pelo menos teoricamente, uma nova práxis. Três são os fatores a serem considerados:

a) A diferença existente entre homem e mulher não se deve a fatores inatos, mas a condicionamentos sócio-culturais que as pessoas têm sofrido no decorrer da história.

b) As culturas humanas sempre servem-se dos meios disponíveis para adequar as pessoas ao comportamento mais "conveniente", de modo a conservar um determinado "status quo".

c) A cultura exerce sobre a biologia das pessoas notável influência, de modo a determinar as condutas e papéis sexuais de masculinidade e feminilidade.

Evidentemente, tanto a visão naturalista quanto a visão cultu-

ralista são deformadas pela unilateralidade de suas posições e pela parcialidade de sua práxis. Faz-se necessário, portanto, redescobrir a verdadeira dimensão do ser feminino, bem como superar a estrutura dualista de nosso pensar e agir. Esta redescoberta passa necessariamente pela mediação de uma nova linguagem e de uma erótica libertadora.

Masculino e feminino são categorias que se definem como dimensões diferentes do humano.

Esta reflexão nos leva à afirmação de que varão e mulher são dois modos diferentes de o ser humano realizar-se. Uma releitura de Gn 1, 27, mostra que o homem é criado como imagem de Deus, de sorte que "Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Criou-os varão e mulher". Masculino e feminino são categorias que se definem como dimensões diferentes do humano.

2. O RACIONALISMO COMO PECADO MACHISTA

O androcentrismo tem seu respaldo ideológico na primazia da razão. Por androcentrismo entendemos a condição social que consiste na supremacia masculina levando o feminino à condição de dominação-dependência-subordinação.

Interessa-nos, aqui, analisar o suporte ideológico que sustenta e dá base ao androcentrismo: o racionalismo. Para o racionalismo, o único critério seguro de conhecimento é o intelectualmente deduzido e não dado pela intuição sensível nem afetiva. Deste modo o racionalismo fundamenta-se na verdade de princípios irrecusáveis, visto que os sentidos apenas nos oferecem os fatos confusamente. Decorre daí que a experiência só é possível aos espíritos possuidores de razão, opondo-se ao "irracional" e às certezas de ordem afetiva.

Historicamente o racionalismo levou o feminino à condição acima exposta, já que só ele expressa a dimensão da ternura, cuidado, auto-aceitação, sensibilidade, misericórdia, intuição, cultivo da interioridade, etc., condenando-os como sentimentos de ordem afetiva e portanto, "irracionais".

Este pecado machista de nossa sociedade encontra uma de suas origens na própria tradição cristã tão carregada de ambigüidades. Santo Agostinho, por exemplo, teve influência decisiva no pensamento cristão. Segundo ele, a mulher não é imagem de Deus, mas somente o homem. São Tomás, por sua vez, retoma este pensamento, tentando exprimi-lo em termos mais teológicos. A masculinidade torna-se, assim, o único aspecto do ser humano capaz de viver e expressar a totalidade da revelação de Deus. Toda a Trindade passa a ser concebida em termos masculinos ou masculinizados.

Visto seu substrato filosófico e teológico, o racionalismo torna-se a única possibilidade de expressar a condição humana enquanto sustenta a primazia do masculino sobre o feminino. O racionalismo esquece-se que masculino e feminino são duas formas de concretizar e realizar o humano. Na cultura ocidental (no caso), o ser masculino torna-se sinônimo de ser varão, enquanto o feminino é sinônimo de ser mulher. O varão apropria-se indevidamente da masculinidade como atributo único e exclusivo seu, gerando uma sociedade androcática, fechada e egoísta. Ao negar o feminino como um dos lugares de realização humana e portanto de manifestação e revelação da divindade, o racionalismo torna-se pecado machista, pois condiciona mecanicamente a mulher às suas funções contingentes, como por exemplo, à função da maternidade, de acordo com um sistema de valores que informam e orientam o sujeito segundo seu sexo biológico de macho ou fêmea.

Em outros termos, este pecado caracteriza-se pela negação do feminino. No dizer de L. Boff, "a usurpação da dimensão masculina pelo varão fez com que ele se julgasse o único detentor da racionalidade, do mando e da presença na sociedade, relegando para a privacidade e para as tarefas de dependência a mulher, não raro considerada como apêndice, objeto de adorno e satisfação."⁽¹⁾

A superação desta mentalidade passa necessariamente pela superação da concepção segundo a qual masculino e feminino em primeiro lugar são propriedades biológicas ou características fisiológicas. Masculino e Feminino são antes de tudo "traços profundos e dimensões ontológicas de cada pessoa humana".⁽²⁾

2.1. — A Negação do Feminino

Histórica e culturalmente, o feminino foi marginalizado e levado à condição de não-ser. Ideologicamente isto gerou uma sociedade caracterizada por relações de dominação-dependência da mulher. Esta marginalização é expressa pela auto-suficiência do varão e pela negação de acesso da mulher às esferas de decisão nos níveis político, econômico, social e religioso. Vejamos como se manifesta esta negação:

1. A negação do feminino na gestão política do Estado: nossa civilização é corroída pelo preconceito antifeminista especialmente na condução política do Estado. O homem-macho é o principal ou talvez o único protagonista na organização política dos povos. À mulher foi negado o acesso às esferas de decisões, pois o privilégio de decidir era próprio do ser masculino, visto sua "superioridade intelectual, capacidade de decisões e aí por diante". Fruto de uma antropologia androcêntrica, o varão torna-se o único mediador das decisões e o condutor absoluto dos rumos da sociedade.

2. A negação do Feminino na administração dos bens: se a nível político a mulher vive uma situação de dominação-dependência, isto se reflete com mais intensidade no nível econômico. Aí a mulher vive a discriminação sexual mais acentuada, visto ser o varão o que controla os meios de produção e, conseqüentemente, a administração destes bens. Para a mulher, "após a maternidade, o trabalho". Os homens são convocados para funções nobres: zelam pelos interesses da cidade, governam, desenvolvem grandes projetos, operam com a inteligência e recebem a glória, coroa de seus sucessos e empreendimentos. Para a mulher, nada de semelhante. Restringem-se ao lar: setor diminuto e monótono. Seu trabalho, aliás excessivo, não tem envergadura. Processa-se em espaço limitado, atingindo apenas poucas pessoas e uma casa".⁽³⁾

3. A negação do Feminino no exercício das funções religiosas: a mentalidade cristã está revestida de um profundo caráter sexista e patriarcal. Esta postulação sexista reforça a dominação machista de modo a legitimar a dependência — subordinação das mulheres e de todas as categorias femininas na esfera do religioso. A dominação masculina ou do varão tem por base a produção e utilização de símbolos absolutamente masculinos. A atribuição à Trindade de categorias sexuais masculinas foi culturalmente elaborada e historicamente ficou sob o controle do grupo dominante que é constituído pelos machos. Com isso o exercício das funções religiosas tornou-se privilégio exclusivo deste grupo, cabendo à mulher a passividade frente à divindade. A tradição judeu-cristã incorpora, pois, esta tradição machista e impede o acesso feminino às funções do culto, de modo a fazer com que as mulheres tenham diante da divindade uma postura passiva e inseqüente.

2.2. — A Crise do Racionalismo ou o Ocaso do Machismo

A dominação-dependência da mulher tem fundamentos culturais, sociais, políticos, econômicos e religiosos marcados pelo tabu e pelo preconceito.

A dominação-dependência da mulher tem fundamentos culturais, sociais, políticos, econômicos e religiosos marcados pelo tabu e pelo preconceito. Na história da civilização cristã ocidental esteve sempre presente, com maior ou menor intensidade, o conflito entre a inspiração evangélica e uma civilização baseada na superioridade masculina. Deste modo, a compreensão do feminino sempre esteve carregada de preconceitos e obstáculos. Fruto de uma determinada cultura, os papéis masculino e feminino necessitam ser compreendidos e redefinidos à luz de uma relação de paridade entre os sexos, eliminando-se com isso os ranços de uma cultura impregnada pelo patriarcalismo que tende a reproduzir os modelos de dependência feminina.

Com o advento do socialismo, em meados do século passado, há uma espécie de emancipação em todos os níveis. A maior revolução, no entanto, foi a trazida pela máquina, possibilitando à mulher a participação na produção mecânica, visto que a força física perde sua importância. Além disso, o avanço da ciência possibilitou-lhe uma relação mais livre com o próprio corpo. Tudo isto gerou um clima favorável para o surgimento do movimento feminista, possibilitando à mulher a conquista de seus direitos políticos. Com isso a sociedade masculinizada sofre um profundo abalo em suas bases ideológicas. O reclamo de assimilação da mulher a uma sociedade antes masculina gera no mundo patriarcal a necessidade de repensar a condição feminina e sua função na construção da humanidade.

O tabu segundo o qual a mulher não possui gênio criador, considerado propriedade exclusiva do varão, vai aos poucos se desfazendo com os espaços conquistados por ela. Após as duas Grandes Guerras, no entanto, a pressão social sobre a mulher continuava a determinar as relações entre masculino e feminino, caracterizados pela dominação-dependência. Ocorre, porém, que o varão não pode mais negar ou negar as posições conquistadas pela mulher, pois a partir do movimento de emancipação feminina um enorme potencial de forças faz balançar a ordem patriarcal estabelecida.

Por sua vez o racionalismo cientificista não conseguiu ser resposta ou mediação aos anseios e aspirações humanas. A pretensão de ser a única mediação possível, levou o racionalismo a um reducionismo da experiência concreta de ser masculino ou feminino. Isto porque a razão não contém em si, como se pretendia, uma visão de privilégio, pois a realidade humana além de racional é também afetiva, instintiva e nela há lugar para o que transcende a pura razão.

Por fim, redescobrir a verdadeira vocação da mulher na humanidade é eliminar de vez por todas a dicotomia entre "fêmeas" e "machos", "eu e não-eu", conduzindo a humanidade a tornar-se "simesma". Ora, é justamente aí que o papel de Maria enquanto mãe e mulher, assume significado para a luta pela libertação da mulher.

3. POR UMA ANTROPOLOGIA HUMANOCÊNTRICA A PARTIR DO FEMININO EM MARIA

Na antropologia androcêntrica o que importa é a razão. Esta por sua vez seria propriedade exclusiva do ser masculino apropriado ao varão. Portanto o ser racional, historicamente, está ligado ao macho. Decorre daí que a racionalidade enquanto atributo do varão é antes de mais nada um dado cultural. Não é,

como ideologicamente se tem postulado, um dado inato e por isso próprio e exclusivo do varão.

Cabe-nos agora, e a isto nos propomos, tentar vislumbrar uma antropologia humanocêntrica na ótica e na perspectiva de Maria enquanto mulher, na qual Deus se manifesta prototipicamente masculino e feminino, assumindo nela a totalidade da condição humana.

a) Maria, lugar de revelação de Deus: Maria, em sua absoluta disponibilidade à vontade de Deus, torna-se a sua habitação viva no meio dos homens, tornando-se portadora da presença divina que salva. Receptáculo perfeito do Espírito Santo, Maria é espaço privilegiado da comunicação de Deus. Nela o feminino é assumido pela divindade tornando-se caminho do ser humano para Deus, especialmente da mulher enquanto tem em Maria o arquétipo último de vida.

b) Maria, lugar de revelação da mulher: Deus quis precisar da mulher e nela gerar o Deus-Homem. Em Maria a mulher, sempre tratada como "depósito do esperma masculino", resgata sua condição de igual dignidade frente ao varão. Nela a humanidade feminina vê prolongada e assumida pela divindade a capacidade de acolhida e escuta, de abertura e doação. Em Maria as mulheres de todos os tempos encontram a força necessária para a superação da condição de dominação-dependência, ideologicamente mantida pela sociedade machista e fechada do mundo moderno.

c) Maria, lugar de revelação do feminino: na mulher o feminino adquire densidade. Nela o feminino se historiciza e torna-se experiência existencial. O feminino caracteriza-se essencialmente pela dimensão da ternura, da abertura, da interioridade, da profundidade, do aconchego, do cuidado, características estas manifestadas pelo próprio Deus (cf. Is 66,13; Os 11,4; etc.). Em sua vida, Maria foi o ser que, por designio muito particular de Deus, tornou-se o instrumento privilegiado da realização plena do feminino. Desta reflexão decorre que a plenitude da mulher não está no varão, mas no próprio Deus que chama a humanidade, em todas as suas expressões, à vida de comunhão e participação.

d) Maria, lugar de revelação da humanidade nova: ao gerar Jesus, o Cristo, Maria é portadora do Espírito Santo que nela densificou sua presença, tornando-nos neste mesmo Espírito irmãos e irmãs de Jesus. Assim, do mesmo modo que gerou o Filho de Deus em Maria, o Espírito prossegue a geração da nova criação.

3.1 — A Maternidade de Maria como Superação do Pecado Machista

Só podemos falar do evento Maria considerando-a sempre em inseparável unidade com o evento Cristo, visto ser ela a glória refletida do Verbo encarnado.

Em Maria se densificam e clarificam alguns aspectos que são elementos constitutivos da abertura para Deus,

Em Maria vislumbramos a grandeza do mistério da mulher e experimentamos a possibilidade de superação do pecado machista: o egoísmo e o fechamento. Na maternidade de Maria manifesta-se a dimensão de abertura do feminino ao projeto salvífico de Deus. Como transparece, Maria é a única mediação possível na realização do projeto do varão e da mulher, pois nela o projeto humano e o projeto divino se cruzam tomando forma existencial na pessoa de Jesus Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Por isso proclamar Maria mãe de Deus significa colocar o feminino numa relação especial com a Santíssima Trindade e com a Igreja. Em Maria se densificam e clarificam alguns

aspectos que são elementos constitutivos da abertura para Deus, quais sejam:

a) Acolhida e meditação da palavra: diz a Escritura que Maria conservava tudo e meditava em seu coração (cf. Lc 2,19.51; 11,28). Maria torna-se com isso modelo de escuta dócil e assídua da palavra de Deus. Sua grandeza está em pôr-se totalmente nas mãos de Deus mediante a acolhida de sua palavra. Ela escuta, acolhe, alimenta e gesta em seu seio esta Palavra.

b) Resposta ativa e pessoal ao convite de Deus: enquanto mulher, Maria não foi simplesmente utilizada para a encarnação, mas associada ao evento por um especial designio de Deus. Porém, "o fiat de Maria ao convite do alto nasceu de uma radical liberdade que se abandonou ao designio amoroso de Deus"⁽⁴⁾.

O sim de Maria é uma oferta consciente e generosa para que o plano de Deus se realizasse nela e por intermédio dela.

c) Oferecimento total de si: Deus pede toda a pessoa e Maria responde generosamente "Eis aqui a escrava do Senhor" (Lc 1,38). O oferecimento de si, além de renúncia, é decisão oblativa. É arriscar perder tudo para produzir melhor fruto.

d) Vocação ao sacrifício: toda a oferta da pessoa a Deus tem caráter sacrificial (cf. Lc 9,23). É o desgastar-se dia a dia como exigência do apostolado e do seguimento de Jesus. Maria aceita morrer no escondimento, porque "convém que ele cresça e ela diminua". O seguimento de Jesus passa pelo caminho da cruz e melhor do que ninguém Maria viveu com seu filho a experiência da dor, do sofrimento e do abandono.

e) Disponibilidade e abertura para os planos de Deus: a disponibilidade e a abertura para Deus são fruto da liberdade; do contrário torna-se escravidão ou, no mínimo, servidão. Não há disponibilidade genuína se não houver entrega pessoal e livre. Maria apresenta-se mais uma vez como espelho de disponibilidade para a obra de Deus, de modo a poder dizer: "O Senhor fez em mim maravilhas" (Lc 1,49).

3.2 — Maria: Mulher Aberta para Deus, para a História e para os Pobres

Solidária com a realidade humana, Maria viveu nossa história em sua história pessoal. Através de seu sim, Maria incorpora à natureza divina a natureza humana; nela o feminino é inserido em Deus. Vejamos pois, como Maria viveu a experiência de serviço ao Reino. Serviço este que se inscreve na linha dos "Servos de Iahweh".

a) Maria, Mulher aberta para Deus: mais do que ninguém, ela viveu a experiência concreta da união com Deus, e por conseguinte ninguém mais que ela esteve tão unida à humanidade. Seu Magnificat mostra sua profunda solidariedade pelos pobres e oprimidos da terra. A verdadeira grandeza de Maria foi haver-se posto totalmente nas mãos de Deus mediante a acolhida de sua Palavra. Maria acolhe a palavra de Deus de modo radical. Sua obediência nasce na fé, sendo a expressão mais genuína de seu ímpar relacionamento com Deus e verdadeira fonte de todo seu comportamento. Em Maria o elemento feminino redescobre e resgata o elemento receptivo da salvação trazida por Jesus. Nela Deus escolhe "o ato-terno-amoroso-personificador em sua criação, excluindo o papel viril masculino centrado na força, papel que se caracteriza pela aspereza, ataque e penetração mediante violência"⁽⁵⁾. Encarnando-se virginalmente em Maria, Deus recusa a solução masculina representada pelo poder e dominação assumindo o feminino, que, segundo P. Evdokimov, "enquanto para o homem após a queda 'viver significa possuir, conquistar, lutar até o fim e matar. . . para a mulher (após a encarnação na pessoa de Maria), viver significa 'gerar, preservar e proteger a vida dando-se a si mesma'"⁽⁶⁾.

b) Maria, Mulher aberta para a história: Deus quis associar-nos à sua história de salvação. Para a Bíblia, o tempo histórico é marcado por grandes intervenções de Deus de modo que a história do mundo torna-se história da salvação. No seio de Maria esta história é levada à sua plenitude, pois Jesus Cristo é o epicentro para o qual confluem as expectativas da Antiga Aliança e a realização definitiva da Nova e Eterna Aliança no seu sangue. O sim de Maria acolhe o escatológico no histórico, o definitivo no provisório, a plenitude da vida nas limitações impostas pela condição humana. Na mulher realiza-se, pois, o pacto definitivo entre Deus e a humanidade: assim como por uma mulher entrou o pecado no mundo, por uma mulher foi-nos dada a salvação (cf. Rm 5,15).

c) Maria, Mulher aberta para os pobres: O Magnificat de Maria expressa a dimensão profética e libertadora daquela que haveria de ser a mãe do Libertador, bem como sua indignação ética frente à situação de opressão a que era submetido seu povo. Maria é assim, "a mulher corajosa e forte, comprometida com a libertação messiânica das injustiças histórico-sociais dos pobres" (7). O Magnificat de Maria é o transfundo através do qual e pelo qual a mulher clama por justiça, fazendo-se porta-voz dos sem voz nem vez. A ressonância deste hino profético repercute hoje com a mesma intensidade de quando proferido por Maria, pois nele está contida a esperança de que o Reino de Deus aconteça entre os pobres e os fracos deste mundo.

3.3 — Maria, Possibilidade e Promessa de Libertação

Na história do pensamento cristão, o fenômeno do antifeminismo impregnou toda a reflexão e práxis dos padres apostólicos e conseqüentemente de toda a tradição cristã. O próprio Evangelho é carregado de ambigüidades (especialmente as cartas de Paulo) quando trata da questão da mulher e seu papel nas comunidades.

1. PAULO: expressa mais claramente sua teologia marial na carta aos Gálatas, 4,4. Aí ele coloca uma mulher no centro da história da salvação. Mesmo que não de modo explícito (nascido de mulher. . .), Maria é colocada no lugar onde se gera a nova humanidade. Há uma convergência entre história e escatologia: Jesus nasce na história e abre-se para a meta-história. Desta forma, masculino e feminino estão no epicentro da história ("Quando chegou a plenitude dos tempos". . .). Deus revela-se no humano, fazendo da mulher, igualmente, lugar de sua revelação.

2. MATEUS: começa apresentando a genealogia de Jesus. A certa altura há uma ruptura na genealogia masculina para aí incluir Maria: ". . . Jacó gerou José, esposo de Maria, *da qual nasceu Jesus, o Cristo*" (Mt 1,16). Em Mateus, Maria é a esposa do antigo povo que gera o novo povo de Deus. Jesus não é filho de José (antigo povo), mas é filho de Maria por obra do Espírito. Em José, Mateus personifica todo o povo da Antiga Aliança que consegue compreender e aceitar a novidade de Jesus (cf. Mt 1,19).

3. MARCOS: apresenta Maria como a "mãe do rejeitado". O centro das atenções de Marcos é Jesus. A alusão a Maria quer apenas acentuar e confirmar o escândalo que Jesus representa. O fato reflete a formação social judaica elaborada em termos androcêntricos.

Maria é o lugar onde Deus se fez carne humana na plenitude dos tempos.

4. LUCAS: Maria é o lugar onde Deus se fez carne humana na plenitude dos tempos. É o evangelista que mais fala de Maria.

Ela é a "cheia de graça", a agraciada pela presença do Senhor (Lc 1,28). Lucas mostra as maravilhas de Deus que em Maria estão por acontecer. Para ele, Deus escolhe Maria e nela, os pobres e os fracos. Exemplo disto é o Magnificat, na qual se expressa a urgência na instauração "de um mundo de relações igualitárias, de respeito profundo de cada ser, no qual habita a divindade. . . O canto de Maria é o 'programa do Reino de Deus', assim como o programa de Jesus, lido na sinagoga de Nazaré." (8)

5. ATOS DOS APÓSTOLOS: apresenta Maria presente no Pentecostes: "Todos unânimes, eram assíduos à oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, Mãe de Jesus e os irmãos dele" (At 1,14). A partir da experiência do crucificado-ressuscitado, Maria e outras mulheres continuam ligadas à comunidade dos discípulos. Em Pentecostes, Maria vive "a consciência da presença do Espírito na comunidade anunciadora da boa-nova do Reino". (9)

6. JOÃO: situa Maria em duas passagens fundamentais de seu Evangelho. A primeira delas é a das bodas de Caná (cf. Jo 2,1-12); a segunda acontece no relato da paixão e morte de Jesus Cristo (cf. Jo 19,25ss). Apesar das distâncias que os separam, ambos os textos estão intimamente relacionados. As núpcias de Caná marcam o início da atividade pública de Jesus. Maria aí exerce função significativa enquanto mulher e mãe. Ela personifica o resto fiel de Israel prestes a viver a redenção messiânica empreendida por seu Filho. Por sua vez o episódio aos pés da cruz marca a hora definitiva de Jesus, ao contrário de Caná, quando "ainda não havia chegado" a sua hora. Na morte do filho, Maria assume, por designio seu, a maternidade de todos os homens. Nos dois episódios João vê na "mulher" a promessa do surgimento do novo povo de Deus.

7. APOCALIPSE: fala-se, no cap. 12, da mulher e do dragão (a antiga serpente). Nas visões do Apocalipse confluem o Antigo e o Novo Testamento representados pela figura da mulher em luta contra o dragão prestes a devorar-lhe o fruto de seu ventre. Essa mulher, que é também Maria, torna-se sinal de esperança do Novo Povo de Deus que luta contra as forças do anti-Reino. No feminino realiza-se, pois, o sinal escatológico da instauração do Reino definitivo trazido por Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

Maria, a que disse sim ao Senhor e foi fecundada pelo Espírito, é a mesma que canta o Magnificat, expressão do clamor profético e sinal de rebeldia a tudo o que é o anti-Reino. Seu canto torna-se o canto de todos os explorados e oprimidos da terra. Maria sabe, mais do que ninguém, que Deus é sensível ao sofrimento dos pobres e dos fracos. Por isso mesmo, é a partir da libertação dos pobres que Maria magnifica as maravilhas do Todo-Poderoso.

O canto de Maria deve abalar todas as nossas estruturas de poder, civis ou religiosas, como também nossos humanismos antropocêntricos concretizados no androcentrismo e na usurpação ilegítima dos direitos da mulher. O feminino torna-se, por isso, caminho dos homens para Deus e caminho de Deus para os homens. Em Maria, Deus escolheu o que era fraco para confundir o que é forte (cf. 1Cor 1,27). Por isso, a aceitação da fraqueza humana torna-se para nós paradoxo e loucura, já que abala os fundamentos de nossa auto-suficiência. Porém, é nesta fraqueza que a glória de Deus se manifesta, sendo sinal de sua ação libertadora entre os homens.

No âmbito de nossas relações sociais, nossa sociedade é profundamente marcada pela "inflexibilidade viril masculina patriarcal, unilateral, desprovida da essência e função carismáticas no mundo tecnocrático e na vida social mecanizada de hoje" (10). Por isso, sustentada pelo Magnificat de Maria e pelas características do ser feminino, a mulher está de certo modo mais habili-

tada a formar o novo homem, pela mudança das estruturas sociais injustas geradas por nossa sociedade patriarcal.

Conseqüentemente, Maria torna-se modelo do feminismo evangélico. Este não busca igualdade de direitos pela equiparação de funções com o varão. Maria vive seu ser feminino na diferença, caracterizado pela beleza, bondade e alegria. A "virilização" da mulher não constitui caminho de igualdade. Muito mais que igualdade, a mulher necessita de paridade, isto é, estar lado a lado com o varão, vivendo a reciprocidade varão-mulher. Esta reciprocidade expressa-se:

a) no existir de um para o outro formando uma unidade: "...o homem deixará, por isso, seu pai e sua mãe, para se unir à sua esposa e serão os dois uma só carne" (cf. Gn 2,24);

b) no vis-a-vis: a mulher não foi criada para ser senhora ou escrava do varão, mas companheira, com a mesma dignidade e natureza (cf. Gn 2,18). Esta reciprocidade está bem expressa no Cântico dos Cânticos: "O meu amado é para mim e eu sou para o meu amado" (2,16).

Finalmente, em toda a Tradição Bíblica, Deus não aparece unicamente sob a linguagem masculina. O feminino é também veículo de sua comunicação e revelação. Em Maria esta revelação torna-se antecipação escatológica do feminino em sua absoluta realização.

NOTAS

- (1) BOFF, L., "O sentido da Sexualidade humana. Masculino e Feminino: o que é?" art. em Rev. de Cultura Vozes, 9 (1974), 677-690.
- (2) Id., *ibid.*
- (3) QUÉRÉ, F., "Mulher ela mesma", Ed. Paulinas, SP, 1987, p. 51.
- (4) BOFF, L., "O rosto materno de Deus. Ensaio interdisciplinar sobre o Feminino e suas formas religiosas. Ed. Vozes, Petrópolis, 1983, p. 168.
- (5) NISSIOTIS, N., "Maria na Teologia ortodoxa", em Concilium 188 (1983), 61(969).
- (6) EVDOKIMOV, P., "A mulher e a salvação do mundo", Ed. Paulinas, SP, 1983.
- (7) BOFF, L., "O rosto materno. . .", p. 198.
- (8) GEBARA, I. e BINGEMER, MC. L., "Maria, Mãe de Deus e dos pobres. Um ensaio a partir da Mulher e da América Latina." Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, p. 87.
- (9) Id., *ibid.*, p. 91.
- (10) NISSIOTIS, N., art. cit., p. 63(971).

Endereço do Autor:
Seminário do ITESC
Cx Postal 5041
88041 — FLORIANÓPOLIS — SC

MARIA: MÃE OU MEMBRO DA IGREJA?

Pe. Vitor Galdino Feller
Professor de Teologia Dogmática

Uma pergunta sem sentido, desligada da realidade, dirá alguém. O que interessa saber se Maria é Mãe ou membro da Igreja, diante da proposta cristã da libertação humana em favor do estabelecimento do Reino de Deus? Interessa muito. Se não por outros motivos, pelo menos pelo lugar que Maria ocupa na religiosidade de nosso povo. Claro, para alguém que não

reconhece a força da história, da cultura e da religião de um povo em favor das lutas por valores sociais, políticos e econômicos, Maria não diz nada. Contudo, o empenho por um mundo melhor não pode, no Brasil e na América Latina, passar por cima dos valores mais permanentes e perenes da história, da cultura e da religião do povo, sob pena de estarmos construindo e defendendo valores sociais, políticos e econômicos que, não somente se estabelecem como máscaras que escondem algo mais fundamental e radical (da raiz) da vida popular, mas também, justamente por isso, oprimem mais ainda, enquanto são alcançados sem referência ao primordial, outorgados mais que conquistados, e enquanto continuam a frustrar possibilidades de transformações mais radicais e duradouras. Maria faz parte desta história, desta cultura e desta religião de nosso povo, de modo tão vital que menosprezá-la, é menosprezar um veio de esperanças e de forças populares.

Daf, o sentido da pergunta: Maria é Mãe ou membro da Igreja? Se respondermos que Maria é Mãe da Igreja e o fizermos de modo unilateral, correremos o risco de justificar uma espécie de mariolatria, que faz de Maria, na sua transcendência com relação à Igreja, um ponto de referência lá no alto, Maria celeste, distante da realidade, mediadora de graças, com quem o devoto se relaciona a nível de individualismo, numa espiritualidade egofsta. Por outro lado, a afirmação de sua maternidade eclesial é tanto mais urgente quanto mais experimentamos que nela se reflete o rosto materno do Deus da libertação que faz da Igreja o lugar onde Ele concentra o máximo de sua presença dinâmica em favor do seu Reino (Puebla 227). Se, ao invés, respondermos unilateralmente que Maria é membro da Igreja, correremos o risco de identificá-la muito facilmente conosco, de obscurecer a singularidade de sua escolha e missão e, com isso, de menosprezar a gratuidade de Deus que se relaciona diferentemente com cada um de nós e que, em Maria, manifesta o máximo de sua confiança no ser humano. Doutra parte, afirmar que Maria é membro da Igreja é anunciar que podemos contar com ela como nossa irmã, companheira de luta, filha como nós de Deus, filha como nós da Igreja, dessa comunidade maior que nos alimenta e nos sustenta, com a Palavra e os Sacramentos, na difícil peregrinação da vida.

Como deve ter ficado claro, devemos afirmar, sem unilateralismos, uma e outra realidade, a fim de podermos colher de nossa relação pessoal e eclesial com Maria o máximo possível de enriquecimento, que nos faça ser melhor servidores do Reino, como ela o foi. Mas, voltemos a uns anos atrás, para nos iluminarmos com os anos do Vaticano II, quando esta pergunta começou a vislumbrar-se no horizonte da mariologia e do marianismo.

1. As duas tendências mariológicas

O Concílio Vaticano II, na elaboração de sua doutrina mariológica, teve que se defrontar com duas tendências, dois blocos quase excludentes entre si, marcados pela diferença na interpretação da cooperação de Maria na obra da salvação, postos como inter-alternativos no Congresso Mariano-Mariológico que se realizou em Lourdes, em 1958 (Pozo 20-31).

Maria é mãe não somente do corpo físico do Deus humanado, mas também do corpo místico de Cristo, a Igreja.

A primeira tendência, chamada cristológica, se definia pelo relacionamento de Maria com Jesus Cristo. O princípio fundamental era a maternidade divina, ordenada à união hipostática, que faz com que Maria pertença a uma ordem singular, diferente